



Controvérsias e performances dos influenciadores de axé: os discursos sobre as Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) na cultura digital¹

Ana Luísa Schuchter Rofino²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

O artigo tem como objetivo interrogar as dimensões do racismo religioso (Nascimento, 2016) na cultura digital através da análise dos discursos de influenciadores de axé (Schuchter Rofino, 2023) sobre os cultos negro-africanos. Assim, investigamos as controvérsias e as transfigurações narrativas (Sodré, 2023) dos memes macumbeiros veiculados por @leodeoxossi e @gutpvieira no Instagram. Assumimos que algumas manifestações narrativas destes têm produzido esvaziamento de saberes ancestrais, enfraquecimento identitário e folclorização cultural das Comunidades Tradicionais de Terreiro (Nogueira, 2020). A metodologia adotada será a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Influenciadores de axé, Racismo Religioso, Memes Macumbeiros, Cultura Digital, Comunidades Tradicionais de Terreiro.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFJF. Pesquisadora nas áreas de racismo religioso e cultura digital. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: analuisa.schuchter@estudante.ufjf.br. Orientador: Prof. João Paulo Malerba. Este trabalho integra a minha pesquisa de mestrado em curso.

RESUMO EXPANDIDO

2023: influenciadores de axé, em sua maioria branca, organizam a “*Marcha para Exu*”³, em São Paulo (SP), com a presença do capitão Silva Rosa, da Rota - batalhão militar conhecido pelas operações de chacina da juventude negra paulista. O evento, organizado por Jonathan Pires, cujo slogan era a luta por *tolerância* religiosa, incendiou debates sobre a relação entre política e Comunidades Tradicionais de Terreiro⁴ (Nogueira, 2020) uma vez que toda mobilização foi feita nas mídias sociais e o evento foi engrossado por personalidades públicas, os influenciadores de axé, da Umbanda, do Candomblé e da Quimbanda. pertencentes ao eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Enquanto Exu, um dos maiores símbolos da luta negra no país, era atrelado ao bolsonarismo e aos valores da extrema direita, o Terreiro Caminho da Luz⁵ reivindicava a marca e a autoria da passeata que realizava há quatro anos junto a outras ações culturais e que estava sendo, agora, apropriada pelos macumbeiros do Instagram e TikTok.

O cenário descrito ilustra parte das inquietações que motivaram a produção deste artigo. Historicamente, no Brasil, a comunicação sobre as CTTro fez parte de uma política predatória de mostrar e esconder, demonizar e criminalizar que a mídia construiu sobre o sagrado preto desde o desembarque forçado das populações escravizadas no território nacional. Roberta Peixoto (2021) defende que houve dois momentos da relação entre imprensa, ritos pretos religiosos e Estado: na primeira metade do século XX, enquanto dispositivos legais criminalizavam as práticas de “feitiçaria e curandeirismo”, as religiões de axé foram reportadas nas páginas policiais; já nos anos seguintes, enquanto o Estado e a contracultura, embora em lados opostos e com táticas e interesses distintos, exaltavam o nacional, os terreiros e suas celebrações passaram a ocupar páginas jornalística de cultura, sendo retratados como “espetáculo folclórico” ou símbolo de “brasilidade” (Peixoto, 2021).

Na contemporaneidade, realizando um salto histórico, Freitas (2017) ressalta que o uso das plataformas digitais tem possibilitado que o povo de terreiro exerça seu direito à comunicação em um processo de “sacralização midiática” que também fomenta novas

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cu5LJXyLXJi/>. Acesso em: 15 jan. 2024

⁴ Adotaremos o termo Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) proposto pelo Babalorixá Sidnei Nogueira, no livro “*Intolerância Religiosa*” (2020), como denominação aglutinadora de práticas como Umbandas, Candomblés, Tambores de Mina, Juremas, Quimbandas, Batuques e aparentados. Optamos também pela menção no plural a fim de demarcar e reivindicar a diversidade de cada um desses cultos.

⁵ Terreiro Caminho da Luz se pronuncia sobre a apropriação que o pseudônimo Jonathan Pires fez do Marcha para Exu, marca registrada no nome da matriarca do terreiro no INPI. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cw3VOYivCOL/> e https://www.instagram.com/p/CxGx_K9pzcq/. Acesso em: 15 jan. 2024

imagens públicas desses cultos através de conflitos, atritos e reformulações narrativas.

Neste cenário, um movimento forte de visibilidade e produção de discurso sobre as CTTro vem sendo empreendido, sobretudo no TikTok e no Instagram, pelos influenciadores de axé. Os conteúdos produzidos e veiculados envolvem convocações para fábrica de médiuns, metaterreiro, cursos sobre Exu e Pombagira, imersões de desenvolvimento mediúnico online⁶, por exemplo. Outros conteúdos como: *Como consagrar sua guia de proteção*; *Firmeza de Anjo da Guarda*; *O que colocar na tronqueira de Exu*; *Incorporar em casa: pode ou não?* são os temas presentes nos perfis de Leo de Oxossi, Mariana Santos, Adérito Simões e Alexandre Cumino. Outras publicações de fotografias de ritos, vídeos de iniciação, *reels* com conselhos de entidades incorporadas ou *trends* de trabalhos magísticos para clientes nas plataformas de mídias sociais fazem parte dos “terreiros online” dos macumbeiros do Instagram, como são popularmente conhecidos esses influenciadores.

Mediante essa conjuntura, o artigo tem como principal questão interrogar a dimensões do racismo religioso (Nascimento, 2016) na cultura digital através da análise dos discursos promovidos por influenciadores de axé (Schuchter Rofino, 2023) sobre os cultos religiosos negro-africanos. Assumimos como hipótese que *algumas* manifestações discursivas dessas personalidades públicas têm produzido esvaziamento de saberes ancestrais, enfraquecimento identitário e folclorização cultural das CTTro, revelando não só as interrupções, os furtos e/ou as modelagens narrativas sobre a epistemologia sagrada dos terreiros, mas também abrindo brechas para discursos discriminatórios que desembocam em processos de apagamento cultural, ao invés de configurarem-se como conteúdos a favor dos saberes do povo de santo e da identidade negra religiosa na contemporaneidade.

METODOLOGIA

As análises e os debates empreendidos neste trabalho se orientam pelas diretrizes da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2015), ou seja, buscaremos a explanação dos fenômenos sociais investigando a relação dialética entre linguagem e sociedade. Compreendemos que as contribuições de Fairclough (2015) sobre a tridimensionalidade do discurso e sua dimensão enquanto prática social permitem esmiuçar a influência do racismo religioso para os discursos de embranquecimento, apropriação cultural e folclorização sobre as CTTro tendo em vista que novos atores, roupagens e engenharias complexas do racismo operam na contemporaneidade.

⁶ Disponível em: <https://aderitosimoes.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Transitando entre os campos dos Estudos Culturais, das Relações Étnico-Raciais e da Cultura Digital, a fundamentação teórico-conceitual deste artigo baseia-se nos estudos acerca do racismo religioso (Nascimento, 2016), do conceito de transfigurações narrativas (Sodré, 2023) e dos pressupostos sobre influência digital (Karhawi, 2018; Oliveira, 2021) e memes pretensamente jocosos (Moreira, Lima e Batista Júnior, 2021) na cultura digital.

Assim, a pesquisa desenvolverá um caminho teórico que, primeiro, caracteriza o projeto político do racismo religioso (Nascimento, 2016) e suas manifestações para compreender criticamente os aspectos sócio-históricos, culturais e políticos subjacentes aos discursos e representações dos memes macumbeiros que circulam no Instagram.

Na sequência, à luz de Delgado (2022), Nogueira (2021) e Miranda (2018) percorremos os tensionamentos da relação entre CTTro e cultural digital, expondo que diversos discursos de embranquecimento, apropriação cultural e folclorização atravessam os conteúdos de influenciadores digitais. O objetivo é demarcar que, diante do racismo religioso operado, no Brasil, essencialmente pelas instituições governamentais e organizações cristãs e pentecostais apoiadas pela mídia hegemônica, a vigente proliferação dos saberes de terreiros no mundo digital é complexa, tanto a nível cosmológico quanto político.

Por fim, iremos nos valer da possibilidade dos memes como uma zona fronteira da discursividade (Sodré, 2023) que abarca imagens de controle sobre as CTTro ao narrar seus códigos mitológicos, linguísticos, civilizatórios conforme o discurso racista religioso. No corpo dessa discussão, encontramos as concepções de Sodré (2023), ilustradas em *“O facismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional”*, para analisar como as narrativas se transfiguram indefinidamente enquanto carregam valores discriminatórios camuflados, mas presentes.

PRINCIPAIS RESULTADOS, CONTRIBUIÇÕES E CONCLUSÃO

Ao longo da pesquisa, podemos averiguar que diferentemente das lideranças consolidadas das CTTro, como Pais e Mães de Santo, que empreendem gestos de compartilhamento de saberes históricos e culturais, pelas plataformas de mídia, a fim de ampliar as lutas por visibilidade e reconhecimento destas, em vários casos, a lógica da presença virtual e da produção de conteúdo de influenciadores de axé parece ser de esvaziar saberes ancestrais. Ou seja, seus discursos midiáticos apresentam alta e ameaçadora capacidade de propagar valores discriminatórios através de roupagens enunciativas.

No caso dos memes macumbeiros dos influenciadores de axé analisados, percebemos que eles nublam a fronteira entre o senso comum e a criticidade ao acionar mecanismos, como: escrita refinada e polida com diversas dinâmicas metafóricas; superficialidade da discussão centrada em mensagens curtas e *cool* para viralização e; propriedade performática de conhecimento acerca dos códigos mitológicos, linguísticos, civilizatórios religiosos afrodiáspóricos.

Outros fatores discutidos a partir da atuação desses agentes midiáticos foram: 1) espetacularização da vida religiosa de axé diante de uma cultura de veneração, estética e entretenimento; 2) individualização do culto em detrimento do viver comunitário; 3) impulsionamento de tradições pretas imagéticas, hipertextuais e virtualizadas. O fenômeno dos macumbeiros do Instagram e do TikTok atua assim, tanto no plano da micropolítica, ao agir sob a individualidade, como da macropolítica, ao afetar a coletividade. Ainda podemos pensar em como esse cenário de despolarização midiática ou tecnológica (Sodré, 2006) resulta em enfraquecimento ético e político para as CTTro com prejuízos não só de cunho religioso, ao pensarmos na publicização e usurpação de fundamentos e segredos desses cultos negro-africanos, por exemplo, mas também prejuízos identitários acerca da história cultural das religiões de axé e seus filhos de santo. Observamos também como a questão étnico-racial vem sendo instrumentalizada por essas personalidades públicas e sendo abruptamente apropriada pelas lógicas de acumulação de lucros comerciais via esvaziamento político de contextos sócio-históricos, identitários e culturais.

Dessa forma, a justificativa pela temática do trabalho vem embasada no debate que busca explorar as disputas ideológicas, narrativas e discursivas que permeiam os conteúdos digitais de influenciadores de axé, revelando os tensionamentos, desafios e contradições presentes nas dinâmicas comunicacionais frente à luta contra o racismo religioso. Ademais, o artigo propõe-se a contribuir com o âmbito da cultura digital ao levantar reflexões críticas em torno da racialização religiosa no âmbito das plataformas de mídia.

Nessa direção, o objetivo final com a exploração e análise desses memes foi não só entender não só como as comunidades digitais, de influenciadores de axé, vêm se posicionando e narrando midiaticamente sobre as epistemologias sagradas das CTTro, mas também compreender como a identidade negra religiosa tem se movimentado nos discursos midiáticos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

DELGADO, D. D. **Cruzes e encruzilhadas**: sincretismo e identidade nos terreiros de Umbanda no eixo Rio-São Paulo. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

FLOR DO NASCIMENTO, W. O fenômeno do racismo religioso: desafio para os povos tradicionais de matrizes africanas. *Revista Eixo*, Brasília, v. 6, n. 2 (Especial), p. 52, nov. 2017.

KARHAWI, I. (2021). Notas teóricas sobre influenciadores digitais e Big Brother Brasil: visibilidade, autenticidade e motivações. *E-Compós*, 24.

MOREIRA, A. P.; LIMA, A. M. P. ; BATISTA JÚNIOR, J. R. L. . Memes Negro – o discurso racista (des)velado na composição multimodal. *Revista da ABRALIN, [S. l.]*, v. 20, n. 2, p. 1–24, 2021.

NOGUEIRA, L. (2021). Superando o sincretismo: por uma história das religiões afro-brasileiras à luz dos conceitos pós-coloniais. *Élisée - Revista De Geografia Da UEG*, 10(2), e102219.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Loyola; Editora Jandaíra, 2020.

OLIVEIRA, Silvio de (2021). O papel dos influenciadores digitais na formação da opinião pública: a indústria do posicionamento. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, v.17, n.27.

PEIXOTO, R. (2021). Religiões de matrizes africanas em representações midiáticas: das páginas policiais à espetacularização do sagrado. *Compólitica*, 11(1), 111–134.

Rufino, Luiz ; Santos de Miranda, Marina (2019). Racismo religioso: política, terrorismo e trauma colonial. outras leituras sobre o problema. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 10. n. 2(2019), p. 229-242.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SCHUCHTER ROFINO, A. L., & CARRERA MALERBA, J. P. (2023). Operação Barbies Macumbeiras: apagamento cultural na zona fronteira do discurso. *E-Compós*, 26.